



Programa de formação permanente

Ordem dos Agostinianos Recoletos

2. A Comunidade palavra encarnada



A COMUNIDADE, PALAVRA ENCARNADA: LUZES PARA O CAMINHO

INTRODUCCIÓN

“Se o Senhor não construir a nossa casa, em vão trabalharão seus construtores” (Sl 126[127], 1). O capítulo primeiro do livro dos Atos dos Apóstolos narra que a comunidade, em vez de tomar a iniciativa, de organizar-se e de aventurar-se pelo mundo com as velas ao vento, retirou-se para esperar e orar. O próximo movimento correspondia a Deus: correspondia a Cristo ressuscitado manter a promessa de conceder o Espírito Santo e de restabelecer o reino de Israel. Em certo sentido, a oração é isto: o audaz, quase arrogante, esforço da comunidade em pedir a Deus que mantenha Sua promessa. Ao rezarmos “venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade”, pedimos que Deus mande O que prometeu.

A oração é, pois, a coragem nascida da confiança na fidelidade a Deus e às promessas que Ele próprio fez, confiança em que Ele será fiel a Si mesmo. Isso que pode parecer uma oração atrevida por parte da Igreja, que pede ao Senhor receber o Seu Espírito, o reino, o poder e a restauração, é, na verdade,

manifestação da humildade mais profunda. Significa, de fato, que a Igreja percebe humildemente que somente Deus pode dar-lhe aquilo de que tem desesperadamente necessidade.

Contando a história de Cristo, Lucas, mais do que qualquer outro Evangelho, dedica muita atenção às particularidades do nascimento de Jesus. Em seu texto, as narrações do nascimento convertem-se numa espécie de ilustração do restante da narrativa. “Em meu princípio, está meu fim”, diz o poeta T. S. Eliot.

O início da vida de uma pessoa indica a direção que aquela vida tomará. Muitas coisas que assumirão mais tarde um significado podem já discernir-se em nossas origens. Por isso dirigimos com grande interesse a nossa atenção ao nascimento da comunidade em Pentecostes (um paralelo entre o nascimento de Jesus em Lucas e o das Igrejas em Atos: ambas as histórias começam com a vinda do Espírito; nas duas, o período imediatamente precedente não está privado da obra do Espírito; nas duas, ocorre uma contraposição entre a promessa e João Batista).

Conhecendo o modo como Lucas utiliza uma história, podemos esperar aprender muito das narrativas da infância da primeira comunidade. Referimo-nos comumente a Pentecostes como ao dia do nascimento da comunidade-Igreja, o que é verdade. É também correto falar da Páscoa, mais que de Pentecostes, como o seu momento natalício. A história de Pentecostes deve ser relida no contexto de Lc 24: o Senhor ressuscitado “reconhecido por eles na fração do pão” (Lc 24, 35), Ele “nos explicava as Escrituras” (v. 32), e prometeu dar-lhes o mesmo poder que O movera, dizendo-lhes: “permaneei na cidade até que sejais revestidos da força do alto” (v. 49).

Quando Lucas, em seu relato, separa a ressurreição da ascensão e de Pentecostes, não pode tê-lo feito com a intenção de que nós o lêssemos como se fossem três eventos diferentes. Em Pentecostes, o poder divino, que se manifestara na ascensão de Cristo, aparece conectado com o povo de Deus. Originalmente, as celebrações litúrgicas da Páscoa e do dia de Pentecostes estavam muito mais unidas do que agora. Hoje, é possível que a comunidade viva esses dois acontecimentos como dois fenômenos separados, perdendo de vista a verdade pela qual a ascensão de Cristo e o descenso do Espírito em Pentecostes são ulteriores explicações do milagre pascal.

Felizmente, várias reformas litúrgicas se esforçam por colocar a celebração de Pentecostes no contexto das grandes celebrações de Páscoa, que duram cinquenta dias. A oração inicial da Missa de Pentecostes afirma: «Deus eterno e todopoderoso, quisestes que o mistério pascal se completasse durante cinquenta dias, até a vinda do Espírito Santo».

Não se pode separar a vida da primitiva comunidade cristã nem a das comunidades de hoje do acontecimento pentecostal. A comunidade precisa do Espírito, desde sempre, para viver, para ser uma realidade e para cumprir a missão evangelizadora do Reino de Deus.



I. A COMUNIDADE DO ANTIGO TESTAMENTO¹

Antes de adentrar-nos nos dois textos fundamentais para analisar a vida da comunidade, como são At 2, 42-47 e 4, 32-35, é necessário fazer um breve caminho pela tradição veterotestamentária. Encontramos, lá também, uma vida comunitária com acentos bem particulares, que foram conformando o espírito comunitário daquela primeira comunidade de seguidores de Jesus em Jerusalém.

Pentecostes foi o ponto de partida para a comunidade daqueles discípulos que, junto com a Mãe do Senhor (cf. At 1, 14), esperavam o cumprimento da promessa que o próprio Jesus fizera antes de partir (cf. Jo 15, 26). Ao longo de todo o

¹ Para este ponto, pode ser de ajuda para uma melhor interpretação, a já clássica obra de R. De Vaux, *Instituciones del Antiguo Testamento*, Herder, Barcelona 1976; X. Léon-Dufour, *Vocabulario de Teología bíblica*, Herder, Barcelona 1978; P. Rossano, G. Ravasi, A. Girlanda (dirs.), *Nuevo diccionario de Teología Bíblica*, San Pablo, Madrid 1990.

Antigo Testamento, vemos que a promessa feita por Deus a Seu povo eleito levou também a que este tomasse consciência de ser uma comunidade à espera daquele cumprimento que faria com que Deus instaurasse Seu reinado na terra.

O povo de Israel é o germe de nossa vida de comunidade. O texto hebraico utiliza duas palavras que as traduções posteriores tornaram familiares ao nosso modo de pensar. Tais palavras são ‘assembleia’ (קהל *qāhāl*), que os gregos traduziriam com o termo ἐκκλησία–“Igreja”, e ‘congregação’ (עדה *‘ēdāh*). Com ambos os termos, o autor sagrado denominava a ‘comunidade dos filhos de Israel’.

Já no livro do Gênesis (cf. Gn 35, 11), a promessa de Deus a Jacó era a de fazer dele uma grande “comunidade de nações” (קהל גוים *qāhāl gōyīm*), idêntica promessa que, tempos depois, o já idoso patriarca recordará a seu filho José, no Egito (cf. Gn 48, 4). O tema da promessa, nesses casos, é como um fio condutor e dita promessa recai sobre a comunidade. Ela será grande, dela sairão reis e será poderosa em toda a terra.

Em outros livros do Pentateuco, aparecem frequentemente os termos anteriormente referidos, mas não dizem respeito já a uma comunidade que aparece no horizonte de uma promessa, mas a uma comunidade que deve viver as consequências da mesma. O povo já experimentou a aliança com Deus, sente-se como uma comunidade de eleitos. A comunidade é, agora, aquela que deverá levar adiante o labor cultural que emana da aliança entre Deus e eles. O culto para Israel é o claro exemplo que ilustra a entrada do povo na comunhão com o seu Deus.

O desejo de Deus – desejo de ganhar o coração de Seu povo (cf. Os 2, 16) – é o que faz que essa aliança não fique na mera aspiração. Por intermédio dela, estabelece-se uma relação real de vida comum. Deus faz-Se cargo e faz Sua a vida de Seu povo.

A *Lei* – Pentecostes – será a carta que regulará essa vida de comunidade, fazendo com que tenha espírito, para que, dessa maneira, ocorra uma relação de amor e de contínua busca de Deus na observância dos mandamentos (cf. Dt 10, 12ss).

A *comunhão dos corações no povo* é fruto da aliança: a solidariedade natural no seio da família, do clã, da tribo, vem a ser comunidade de pensamento e de vida a serviço de Deus, que reúne Israel. O israelita, para ser fiel a esse Deus salvador, deve considerar o seu compatriota como “irmão” (Dt 22, 1-4; 23, 20) e prodigalizar sua solicitude aos mais desafortunados (Dt 24, 19ss). A assembleia litúrgica é, ao mesmo tempo, comunidade nacional em marcha para um destino

divino (cf. Nm 1, 16ss; 20, 6.11; 1Cr 13, 2), a ‘comunidade de Iahweh’ e de ‘todo Israel’².

“Aliança”, “Lei”, “culto” e “oração” são as palavras que sintetizam a realidade comunitária de Israel. Uma realidade que chega à atualidade, “pois, onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, **eu estou** aí, no meio deles” (Mt 18, 20). Deus, dessa forma, confia-Se à história daquela comunidade, e a história da comunidade de Israel converte-se em história de Deus.

II. A COMUNIDADE NO NOVO TESTAMENTO

É necessário que façamos também uma brevíssima e geral introdução à visão neotestamentária a respeito da comunidade. A Igreja de Deus é a continuação do *qāhāl* (קהל) da antiga aliança. Essa ‘Igreja de Cristo’ ressalta o dado escatológico que chegou com o Messias e a construção da Sua comunidade. Um dos apelativos mais frequentes que encontramos no Novo Testamento – cerca de cem vezes – é a palavra *irmãos*. Os irmãos de Jesus são aqueles que escutam a Palavra e a põem em prática (cf. Mt 12, 46-50; Mc 3, 31-35; Lc 8, 19-21), são também aqueles que nasceram de Deus (Jo 1, 13).

Ao longo de todo o Novo Testamento, recorda-se-nos que conhecemos o Pai e temos acesso a Ele e ao Seu projeto de vida, em Cristo Jesus, ‘pelo Espírito Santo’, sob a ação do Espírito, que é a ‘ruah’ e o ‘pneuma’ ou a força do amor do Deus criador e salvador de tudo o que vive. O final dos sinóticos e do quarto Evangelho, assim como o início dos Atos, atesta que o Senhor promete e comunica o Seu Espírito a todo o povo de Deus.

Em 1Cor 12, 3, Paulo assegura que “ninguém pode dizer ‘Jesus é o Senhor’, a não ser no Espírito Santo”. Depois, Pablo se estende sobre a ‘comunhão eclesial’ ao longo de três capítulos: há diversidade de dons, de ministérios e de atividades, “mas um mesmo Deus que realiza todas as coisas em todos, e um mesmo é o Senhor e um mesmo é o Espírito, que reparte Seus dons a cada um, em vista do bem comum... Porque todos nós fomos batizados num único Espírito para formarmos um único corpo, o corpo de Cristo”. Na despedida de sua Segunda Carta aos Coríntios, Paulo atribui o dom da comunhão ao Espírito mediante a seguinte fórmula trinitária de saudação, que usamos em nossas assembleias eucarísticas: “A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós” (2Cor 13, 13).

A mensagem de Jesus revoluciona a forma de interpretar a vida de comunidade. Essa revolução é dada pela igualdade de todos. A igualdade não se

² Cf. X. Léon-Dufour, “Comunión”: *Vocabulario...* 173-175.

opção, entretanto, à organização da comunidade, imprescindível enquanto esta pretender desenvolver alguma atividade interna ou externa. A organização baseia-se precisamente na realidade dos carismas, ou seja, nos dons naturais ou adquiridos de seus membros, potencializados pelo Espírito e postos a serviço do amor. O carisma de cada um, reconhecido pela comunidade, capacita-o para desempenhar determinadas funções no grupo e dirigir determinadas atividades.

Deve-se levar em conta que a organização é funcional, seu critério é a necessidade ou a conveniência, em função, sobretudo, da missão. Deve-se considerar, ainda, que, na comunidade cristã, as qualidades pessoais ou a responsabilidade que se assume não outorgam superioridade. A diferença não cria categoria. Pela adesão a Jesus, todos e cada um dos membros da comunidade cristã participam de Seu Espírito (cf. Jo 1,16). A característica própria da comunidade é, portanto, possuir uma vida que é a vida/amor de Deus comunicada. Essa vida se oferece aos homens em Jesus, cuja vida e morte traduzem em linguagem humana o amor infinito de Deus.

III. A PRIMITIVA COMUNIDADE DE JERUSALÉM

Toda a tradição eclesial, e de forma particular a tradição agostiniana da comunidade, toma dos textos de At 2, 42-47 e 4, 32-35 a sua inspiração para seguir uma forma de vida comum. O próprio Santo de Hipona, ante aquelas palavras em que se indicava que “a multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava como próprias as coisas que possuía, mas tudo entre eles era posto em comum” (4, 32), dirigiria a palavra a seus fiéis congregados na catedral da Paz dizendo-lhes: “Ouvistes já o que desejamos, orai para que o possamos cumprir”³.

Essas palavras inflamaram nosso Santo Pai e também agora devem inflamar o coração de seus filhos, para tanto, porém, necessitamos do acontecimento pentecostal em nossa comunidade e da docilidade do coração para podermos interpretar as moções do Espírito.

Nas duas passagens referidas, do livro dos Atos, vemos a continuidade que Lucas dá ao tema dos bens materiais e do uso que a comunidade cristã deveria fazer dos mesmos. Não há dúvida de que Lucas via a comunidade de bens materiais como um ideal, como a realização do que já fora anunciado no Antigo Testamento: “É verdade que em teu meio não haverá nenhum pobre, porque o Senhor vai abençoar-te na terra que o Senhor, teu Deus, te dará, para que a possuas como herança” (Dt 15, 4). Em outras palavras, isso significa, para Lucas,

³ s. 356, 2.

a realização do amor ao próximo. Era uma componente do ideal comunitário da primeira comunidade cristã, que tentava, assim, continuar o estilo de vida e a pretensão de Jesus⁴.

Algumas considerações exegéticas de At 2, 42-47

⁴² Eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações.

⁴³ E todos estavam cheios de temor por causa dos numerosos prodígios e sinais que os apóstolos realizavam.

⁴⁴ Todos os que abraçavam a fé viviam unidos e colocavam tudo em comum;

⁴⁵ vendiam suas propriedades e seus bens, e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um.

⁴⁶ Diariamente, todos frequentavam o Templo, partiam o pão pelas casas e, unidos, tomavam a refeição com alegria e simplicidade de coração.

⁴⁷ Louvavam a Deus e eram estimados por todo o povo. E, cada dia, o Senhor acrescentava ao seu número mais pessoas que seriam salvas.

O v. 41 concluída o discurso de Pedro, expondo-se nele, de modo numérico, o resultado daquela pregação inflamada que o príncipe dos apóstolos fizera e que tocara tão fortemente o coração dos que o tinham escutado: uma grande multidão – três mil pessoas – foi batizada e passou a formar parte da comunidade. Em dito discurso, o próprio Lucas, lançando mão da *synkrisis*⁵, traça um paralelo entre a figura de Jesus, que até aquele momento era o único que tinha pregado e explicado a Escritura, e a de Pedro. Agora, o exegeta já não seria Jesus, mas a comunidade. Pedro passa a ser o fundamento daquela comunidade que começava a expandir-se e que devia dar uma interpretação aos fatos e à Escritura⁶.

Para além do aspecto redacional, a respeito do qual há quem proponha várias formas e composições – coisa que, de fato, não entra em nosso objetivo, os vv. 42-47 contêm um ótimo sumário das características da primitiva comunidade. As suas quatro características são ‘o ensinamento dos apóstolos’, ‘a comunhão fraterna’, ‘a fração do pão’ e ‘as orações’.

⁴ Cf. T. J. van Bavel, *Carisma: comunidad. La comunidad como lugar para el Señor*, Religión y Cultura, Madrid 2004, 20.

⁵ *Synkrisis*: Consiste em comparar sistematicamente personagens, ações ou acontecimentos, mostrando seus pontos em comum e também suas diferenças, a superioridade de um sobre o outro etc. Essa técnica foi muito utilizada por certos escritores como Plutarco (fins do I século da nossa era), em suas *Vidas Paralelas*, em Sb 11-19 e em Lucas (cf. Lc 1-3: paralelo entre João Batista e Jesus; Lc 15,4-10: entre o pastor e a mulher; Lc 15,11-32: entre os dois irmãos da parábola; nos Atos, podem-se rastrear os paralelismos entre Jesus e Pedro, entre Pedro e Paulo etc.). Cf. também Rm 5, 15-19 (entre Adão e Cristo).

⁶ Cf. At 2, 17-21 cita Jl 2, 28-32 (3, 1-5 LXX); At 2, 25-28 cita Sl 15[16],8-11; e At 2, 34-35 cita Sl 109 [110],1. Com essas citações, manifestam-se o novo tempo em que se entra e a responsabilidade que a comunidade primitiva – a Igreja – tem agora, a saber, de começar a interpretar, a ser exegeta da Escritura na vida e nos acontecimentos que vai vivendo.

“Eram perseverantes em ouvir ao ensinamento dos apóstolos”. O termo grego que Lucas utiliza para dizer que perseveravam é *προσκαρτεροῦντες*. Poderíamos definir essa palavra com a imagem de uma mão que aferra fortemente um objeto. Com isso, pretende-se dar a entender a tenacidade e a perseverança com que aquela comunidade se sujeitava ao ensinamento dos apóstolos, fundado nas palavras de Jesus. O ‘ensinamento dos apóstolos’ é mais do que um simples *kerygma*. Não consistiu somente em proclamar que Jesus morreu e ressuscitou para a salvação de todos, mas tinha como objetivo primordial a *koinōnía*, a comunidade, aquela “forma de vida em comum que é como o próprio Lucas, primeiramente nos Atos dos Apóstolos, chama o que mais tarde seria denominado, como o é até nossos dias, *ekklēsia*”⁷.

A *koinōnía*: sua tradução mais comum é «comunhão», mas também pode traduzir-se como ‘fraternidade’ e até como ‘aliança’. É um termo que os gregos daquele tempo utilizavam para denominar as várias relações íntimas entre as pessoas. No mundo da filosofia, era a forma de vida dos seguidores do famoso Pitágoras⁸. Lucas ressalta também a *koinōnía* como a “forma de vida em comum” praticada por aqueles seguidores. Os essênios de Qumrã, chamados por Josefo de “desprezadores da riqueza” (cf. *Guerra judaica* 2, 8, 2 §122), caracterizavam sua forma de vida como *yahad*, traduzida como ‘comunidade’ e relacionada com a raiz hebraica *'hd / yhd*, ‘uno’ (cf. 1QS 1, 1, 11-16, 5, 1, 2, 16, 6, 17, 21-25; 7, 20; 1QSa 1, 26, 27)⁹. O substantivo *koinōnía* encontra-se em outras passagens do Novo Testamento com sentidos diferentes (cf. Rm 15, 26; 1Cor 1, 9; 10, 16; 2Cor 6, 14; 8, 4; 9, 13; 13, 13; Gl 2, 9; Fl 1, 5; 2, 1; 3, 10; Fm 6; Hb 13, 16; 1Jo 1, 3.6.7).

“A fração do pão” tem no Evangelho sua primeira referência na obra lucana (cf. Lc 24, 30.35), em que se relata como o Ressuscitado, no caminho de Emaús, aparecera a dois de Seus discípulos e, reunidos ao redor da mesa, manifestara-se-

⁷ J. Fitzmyer, *Hechos de los Apóstoles. Traducción, introducción y comentario*, Sígueme, Salamanca 2003, 364. “Uma questão hoje muito debatida é a razão pela qual os primeiros discípulos escolheram o termo *ekklēsia* para designar as primeiras comunidades. Essa questão suscita imediatamente outras: 1) Esse substantivo designou em primeiro lugar a comunidade local, a de Jerusalém, e depois se estendeu a outras para, finalmente, designar o conjunto ou a soma das comunidades? Outros propõem um cenário inverso: *ekklēsia* teria designado o grupo de cristãos como tal, antes de aplicar-se às diversas comunidades, em função da expansão do Evangelho; 2) De que ambiente o vocábulo procede: da política e da convocação de assembleias oficiais; noutras palavras, das instituições gregas e romanas? Ou dos escritos bíblicos? Do ambiente judaico, embora negativamente, como reação contra o uso do termo “sinagoga” (*synagogē*)? Os exegetas estão divididos em suas respostas, e não há nada de fortuito nisso. Com efeito, Paulo não joga com o termo *ekklēsia* para explicá-lo, explicitá-lo e explorar suas diversas conotações. O termo continua sendo absolutamente designativo e conserva por isso todo o seu halo de mistério” (J. N. Aletti, *Eclesiología en las cartas de san Pablo*, Verbo Divino, Estella 2010, 24-25).

⁸ Cf. Diodoro da Sicília, *Biblioteca histórica* 10, 8, 2.

⁹ Cf. H. Braun, *Qumran und das Neue Testament*, I, J. C. B. Mohr, Tübingen 1966, 143-150.

lhes no ato concreto da fração do pão. Por “fração do pão” não se deve entender o que seriam os ritos iniciais das refeições judaicas, parece referir-se, antes, a tomar o alimento para o corpo. Não há razão para explicar o fato como uma refeição de irmandade (com antecedentes essênios ou farisaicos), refeição-ágape, nem mesmo como refeição ordinária e eucarística ao mesmo tempo¹⁰. A fórmula abstrata converter-se-ia, depois, na forma mais comum de denominar cristãmente a Eucaristia.

A “oração” pode ser um eco da expressão ‘à oração’ (τῇ προσευχῇ) de At 1, 14, embora a sua forma plural “nas orações” (ταῖς προσευχαῖς) talvez indique a contínua participação dos primeiros cristãos nas diversas orações que se realizavam no Templo (cf. At 3,2). São as orações que os mesmos cristãos ofereciam em comunidade, como encontramos em At 1, 24-25; 4, 24-30; 12, 12.

Essas quatro notas que Lucas remarca no breve trecho sublinham o espírito comum daqueles primeiros fiéis da comunidade de Jerusalém. Somavam-se a isso aquele assombro, que traduz o termo original φόβος, isto é ‘temor’ (ψυχῇ φόβος: medo na alma), e os milagres que também se faziam presentes e que caracterizavam, conforme o hagiógrafo, a comunidade primitiva. Lucas utiliza esse termo de várias formas. Nalgumas ocasiões, relaciona-o com a reação ante uma intervenção de tipo milagrosa (cf. Lc 1, 12.65; 2, 9; 8, 37; 21, 26; At 5, 5; 9, 3).

“Todos os que abraçavam a fé viviam unidos”. Muitos comentaristas ainda se perguntam, como já insinuei anteriormente, se haveria influências essênias ou pitagóricas em dito estilo de vida. Para além de discussões desse gênero, o fundo da questão é fazer ver que, naquela primeira comunidade, o que existia era uma grande unidade e harmonia. Estamos ante uma espécie de nova criação: do caos da dispersão, surgiu a harmonia da unidade¹¹.

A inserção dos vv. 43-45 introduz a copropriedade, dando a entender que “colocavam tudo em comum”. Dá impressão de que tal agrupação de propriedades e de bens era obrigatória, mais tarde, porém, isso deixaria de ser tão óbvio, a ponto de, com o passar dos anos, a comunidade de propriedades e de bens desaparecer por completo. Entre os estudiosos, a discussão centra-se no verdadeiro significado desse colocar “tudo em comum”: significava que os primeiros cristãos colocavam tudo em comum e que tudo era de todos? Ou que, mesmo conservando o título de propriedade, deixavam tudo à disposição da comunidade?¹² É difícil determinar a extensão de referida prática, embora, pelo

¹⁰ Cf. R. Orlett, “The Breaking of Bread in Acts”: *TBT* 1 (1962) 108-113.

¹¹ Cf. J. Fitzmyer, “The Designations of Christians in Acts and Their Significance”: *Unité et diversité dans l’Église*, Città del Vaticano 1989, 223-236 (esp. 225-226).

¹² Cf. G. Theissen, “Urchristlicher Liebeskommunismus Zum «Sitz im Leben» des Topos hapanta koina in Apg 2 44 und 4 32”: T. Fornberg y D. Hellholm, *Texts and Contexts Biblical*

menos para Lucas, estivesse suficientemente generalizada para ser mencionada. Pode simplesmente estar relacionada com seu desejo de ensinar aos cristãos como deveriam fazer uso da riqueza¹³.

“Diariamente, todos frequentavam o Templo”. Literalmente, o texto volta a referir-se a que em concórdia, de comum espírito, perseveravam, estavam firmes (προσκαρτεροῦντες) no Templo. É chamativo como o autor dos Atos exalta essa atitude daqueles primeiros fiéis. Eles continuavam a frequentar o Templo nas orações e nos serviços. São descritos como judeus exemplares que não estavam em contradição com aquela nova realidade de Cristo em suas vidas.

A fração do pão era feita com alegria e simplicidade de coração, louvando a Deus, ou seja, essa alegria e simplicidade de coração do reunir-se para partir o pão convertia-se para eles em motivo de glorificação a Deus. Realidade que contrastará, em seguida, com o que Paulo comentaria sobre alguns casos em que, nessas refeições, ocorriam abusos por parte dos que mais possuíam (cf. 1Cor 11,17-22).

No v. 47b, o autor faz notar aquela boa fama de que a comunidade gozava diante da população de Jerusalém (ἔχοντες χάριν). Essa expressão, seguida de um dativo, significa “estar agradecido”¹⁴, ainda que no caso presente não encontremos dita estrutura gramatical. Isso sugere que a ‘acolhida’ era outorgada, em certa maneira, pelos cristãos a todos os hierosolimitanos¹⁵.

Embora possa soar como perfeito demais e até, em algum aspecto, idílico, não há dúvida de que no texto se pode ver claramente a intenção lucana de ressaltar aqueles pilares que fundamentam a vida cristã, quais sejam a comunidade, o respeito de uns por outros, a celebração da Eucaristia e a oração.

Algumas considerações exegéticas de At 4, 32-35

³² A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava como próprias as coisas que possuía, mas tudo entre eles era posto em comum.

³³ Com grandes sinais de poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus. E os fiéis eram estimados por todos.

³⁴ Entre eles ninguém passava necessidade, pois aqueles que possuíam terras ou casas, vendiam-nas, levavam o dinheiro,

³⁵ e o colocavam aos pés dos apóstolos. Depois, era distribuído conforme a necessidade de cada um.

Texts in Their Textual and Situational Contexts Essays in Honor of Lars Hartman, Oslo 1995, 689-712.

¹³ J. Fitzmyer, *Hechos de los Apóstoles...* 365.

¹⁴ Cf. Lc 17, 9; 1Tm 1, 12; 2Tm 1, 3; Josefo, *Contra Apião* 1, 29 §270; *Guerra judaica* 7, 1, 2 §9; *Antiguidades* 2, 6, 9 § 162.

¹⁵ Cf. G. G. Gamba, “Significato letterale e portate dottrinale dell’inciso participiale di Atti 2,47b ἔχοντες χάριν πρὸς ὅλον τὸν λαόν”: *Salmanticensis* 43 (1981) 45-70.

Lucas introduz o seu segundo resumo maior, no qual a comunidade cristã primitiva se apresenta segundo a perspectiva da posse dos bens materiais em comum. Trata-se, mais uma vez, de um resumo composto ou combinado. O tema principal destaca a posse em comum (cf. 4, 32.34-35), mas a inserção (cf. 4, 33) expressa o testemunho de Cristo ressuscitado. Desse resumo, pode ter saído a inserção do primeiro resumo maior (cf. 2, 43-45). No presente resumo, não há referência alguma às refeições em comum¹⁶.

A comunhão de bens baseava-se, como já se disse, na força da pregação dos apóstolos, que não deixavam de anunciar e de testemunhar a ressurreição de Jesus, o que era motivo de graça para toda a comunidade. A presença dos apóstolos e seu testemunho eram garantia de que a comunhão era vontade de Deus.

Aqui, não havia indigentes (cf. Dt 15, 4-11 LXX bem como o ditado grego: “entre amigos, tudo é comum”¹⁷). “Aqueles que possuíam terras ou casas, vendiam-nas, levavam o dinheiro, e o colocavam aos pés dos apóstolos”. Isso demonstra o despojamento material que havia entre os irmãos que mais possuíam, em favor dos que menos tinham. Tal gesto fazia que eles, verdadeiramente, pudessem chamar-se *irmãos*.



¹⁶ Cf. J. Fitzmyer, *Hechos de los Apóstoles...* 365.

¹⁷ Cf. Aristóteles, *Ética a Nicômaco* 9, 8 §1168B.

IV. A BOA-NOVA ENCARNADA NA COMUNIDADE

Se os Atos dos Apóstolos tivessem sido escritos a partir do nosso ponto de vista atual, esperaríamos que todo o acontecimento de Pentecostes, o comovedor sermão de Pedro e a vivaz resposta da multidão, tal como se acham descritos em At 2, 1-41, fossem o final da história.

A vida religiosa contemporânea, em geral, aflige-se por entusiasmos momentâneos e por superficialidade. De fato, na linguagem moderna, ‘entusiasmo’ é um sinônimo virtual para uma exaltação de breve duração, que não se expressa num empenho de longo prazo. A afirmação “naquele dia, mais ou menos três mil pessoas se uniram a eles”, comove. Lucas, porém, não nos deixa aí: mostra-nos, sim, a encarnação do Pentecostes. Podemos ver essa encarnação a partir de quatro perspectivas diferentes.

1. “Eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos”. A distinção, quiçá tradicional, entre «*didaché*» (ensinamento) e «*kerygma*» (anúncio) apostólico está superada, por mais que – é verdade – Lucas faça uma diferença entre o que é dito aos estrangeiros e o que é proclamado na vida cotidiana da comunidade¹⁸. Longe de qualquer ‘exclusivismo’ moderno e sentimental, Lucas está bem atento em separar os que estão dentro, que sabem, dos de fora, que não conhecem ainda. Mais que isso, ensinando aos que sabem as coisas que já lhes foram anunciadas, prossegue neles a renovação do Evangelho. Os próprios Atos fazem parte, *de facto*, de um esforço ininterrupto da Igreja em refletir sobre as implicações e aplicações do Evangelho no seu interior, procurando uma contínua fidelidade à sua vocação.

A comunidade não deve deixar-se arrastar por um momentâneo excesso emotivo para ressuscitar em Pentecostes a cada semana. Deve, antes, dirigir-se imediatamente à tarefa do ensino, mantendo uma atitude rigorosa com respeito ao que ela mesma é e ao que deve fazer.

2. A comunidade é comunhão. O Espírito produziu a *koinōnía*. Poderíamos dizer que o verdadeiro milagre ou fato maravilhoso de Pentecostes é justamente este: que se forme um grupo unificado de fiéis a partir de uma multidão tão diversificada “procedente de todas as nações do mundo” (cf. 2, 5). E essa *koinōnía* não pode ser somente uma afetuosa *animorum concordia*, um amor de iniciativa humana entre irmãos e irmãs. É uma comunhão que produz surpreendentes “prodígios e sinais” (2, 43), entre os quais não é menos importante que “todos os que abraçavam a fé (vivessem) unidos e (colocassem) tudo em comum”, vendendo seus bens e colocando-os em comum (2, 44-45).

¹⁸ Cf. J. Fitzmyer, *Hechos de los Apóstoles...* 366.

Na opinião de muitos comentaristas, parece haver um empenho em querer demonstrar que tais afirmações são um invento idealizado e romântico da Igreja de uma época posterior. Interpretações como essa não fazem senão ressaltar a perda de confiança da Igreja na capacidade que a fé tem de mudar todas as estruturas, materiais e sociais. O próprio autor do livro dos Atos, em 4, 36-37, fala da generosidade de Barnabé, e esse fato talvez esteja a sugerir a ideia de que a primitiva comunhão e a partilha dos bens sejam algo excepcional na comunidade. A comunhão de bens é-nos dada, todavia, como um testemunho concreto com coloração de algo revolucionário, específico e real, que ocorrera entre aquelas pessoas.

No livro do Deuteronômio, lia-se: “É verdade que em teu meio não haverá nenhum pobre, porque o Senhor vai abençoar-te na terra que o Senhor, teu Deus, te dará, para que a possuas como herança. Isso, porém, com a condição de que obedechas de fato ao Senhor, teu Deus, cuidando de colocar em prática todos os mandamentos que eu hoje te ordeno” (Dt 15, 4-5). Tem-se a promessa de um país livre da pobreza. Esse país tomava agora uma forma visível numa comunhão que se estendia para além dos limites da amizade convencional. Em Lc 19, 8, um pequeno homem encontra o Evangelho e responde, separando-se dos bens materiais (cf. Lc 12, 13-34). Agora, toda a comunidade fazia a mesma coisa. Além disso, a espiritualidade que se nos descreve aqui é algo notavelmente diferente de um impulso inconsistente. Tudo aquilo que outrora se possuía tornava-se comum, de modo que a palavra *koinōnía* assumia um significado bem preciso.

3. A comunidade empenhava-se em “partir o pão”. A reunião dos irmãos em torno de uma mesa é outra expressão visível e tangível da obra do Espírito Santo na nova comunidade. Basta dirigir um olhar atento ao Evangelho segundo Lucas para notar todas as referências que se faz de Jesus que se achava “à mesa com eles”. Esse autor, cada vez que fala de uma refeição, está a referir-se a um momento de comunhão, de revelação e de polêmica. Jesus é criticado pela companhia daqueles com quem se sentava à mesa: “Este homem acolhe os pecadores e faz refeição com eles” (Lc 15, 2) – é a acusação que lhe dirigem.

O Senhor não fez distinção entre as pessoas com quem se sentava à mesa. Sabe-se, pela experiência contemporânea, que os limites sociais entre as pessoas são frequentemente impostos com maior rigor à mesa: comer juntos é sinal de unidade, de solidariedade e de profunda amizade, sinal visível de que as barreiras sociais, que já afligiram essas personas em outro tempo, foram derrubadas. Em muitos casos, é motivo de debate se esse “partir o pão” referir-se-ia à nossa Eucaristia ou à Ceia do Senhor. Provavelmente, no tempo de Lucas, a comunidade de Pedro não conhecia a diferença entre a Igreja que simplesmente parte o pão e a que o faz como uma atividade sacramental.

De acordo com a tradição hebraica, depois da bênção que se pronunciava à mesa, essa mesma mesa se convertia num lugar santo e o tomar juntos a refeição, numa atividade sagrada. Sabemos que aquilo que nos relata a passagem de At 2, 46, a saber, o partir o pão “com alegria e simplicidade de coração” evoca a glória exuberante do advento do Messias¹⁹.

Com certeza, cada refeição era vivida pela comunidade como uma antecipação do banquete messiânico, antegozo da promessa de Jesus, segundo a qual os Seus seguidores, os Seus discípulos, haveriam de “comer e beber à minha mesa no meu Reino” (Lc 22, 30). Em seu comer e beber, a comunidade da ressurreição encontra já um cumprimento parcial daquela promessa, gozando agora do que será levado a pleno cumprimento no Reino de Deus. A invocação do profeta foi ouvida:

“Ó vós todos que estais com sede,
vinde às águas;
vós que não tendes dinheiro, apressai-vos,
vinde e comei,
vinde comprar sem dinheiro, tomar vinho e leite,
sem nenhuma paga!” (Is 55, 1)

4. A Igreja tem também momentos de oração, provavelmente nas mesmas horas da devoção judaica cotidiana. Além disso, é-nos dito que se continuava a frequentar o Templo (2, 46). Em meio a todas as novidades, a comunidade não esquece as tradições dos antepassados, não cessa de ser devotamente judaica. Em todas essas atividades de ensinamento, comunhão e partilha, de partir o pão e de orar, vemos um quadro completo da Igreja, os sinais da autêntica encarnação do Espírito na comunidade, critério para avaliar a atividade da Igreja hodierna.

Quando se observam as comunidades modernas, muitas com seus movidos círculos de atividades, há momentos em que nos pode sobrevir a dúvida: terá sido o Evangelho substituído pela socialização? Estaremos a oferecer mais um ativismo cordial do que uma comunidade poderosamente animada pelo Espírito Santo? Deve suscitar-se em nós a pergunta: nas comunidades agostinianas recoletas, não deveríamos refletir de novo que, para além de tudo aquilo que se tem dito e feito, “uma só coisa é necessária” (Lc 10, 41)? É necessário encarnar, no único modo possível – a vocação evangélica – o específico de sua vocação, entregando-nos nós mesmos a “o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações” (2, 42).

Em nossa opinião, a sucessão de atividades de At 2, 42-47 não deve ser entendida como uma disposição litúrgica primitiva a partir da qual poderíamos reconstruir um esquema do antigo culto cristão²⁰. Pelo contrário, Lucas prefere esse tipo de sumários (cf. 4, 32-35; 5, 12-16) como meio para unir duas unidades

¹⁹ Cf. R. Bultmann, *Teología del Nuevo Testamento*, Sígueme, Salamanca 2981, 79-85.

²⁰ Cf. J. Jeremias, *The Eucharistic Word of Jesus*, Philadelphia 1977, 118-122.

literárias (nesse caso, o discurso de Pedro à multidão e aquele que fez diante do Templo). É também importante que isso concentre a atenção do leitor sobre a preocupação principal dos Atos dos Apóstolos: a comunidade.

Na narrativa do livro dos Atos, cada uma das personagens tem o seu próprio lugar, em particular Pedro e Paulo. Seriam eles o objetivo da narração? Ora, não se desenvolve com maior profundidade e detalhe a figura de nenhum dos dois. Com efeito, Lucas tem um escasso interesse pela biografia dos apóstolos ou por uma primitiva vida dos santos. O protagonista dos Atos é o Espírito Santo, que vivifica e guia a Igreja nascente. Esse sumário da atividade da Igreja orienta a nossa atenção a não se deixar levar pela preocupação com os atores humanos e nos conduz ao verdadeiro interesse da narrativa: a comunidade.



V. CONCLUSÃO E LUZES PARA O CAMINHO

Uma comunidade que vive conforme o Evangelho torna presente, na história, a manifestação do rosto e da obra de Jesus. É o lugar verdadeiro da festa e do perdão, lugar da alegria e do amor, onde ninguém mais está sozinho e sem sentido, onde “eu estou aí no meio deles” (Mt 18, 20).

A alma da comunidade, seu conteúdo unificador, é a comunhão, autocomunicação do Pai, amor reconciliador do Filho, dom do Espírito Santo. A nós, que cremos, e especialmente a nós, agostinianos recoletos, não se nos pede

salvar o mundo, porque Cristo já o fez. É-nos pedido que anunciemos, com o testemunho de nossa vida, o que acontece com os homens reunidos pelo chamado de Cristo, unidos a Ele pelo Batismo, cujo pensamento e vontade são governados pelo Espírito, para que, caminhando conforme o Evangelho, toda a nossa existência não seja senão estar firmes no ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na Eucaristia e na oração.

Não é possível que se forme uma autêntica comunidade cristã se não se tiver como raiz e como bússola a Palavra de Deus e a celebração da Eucaristia, da qual deve tomar impulso toda e qualquer educação que pretenda formar o espírito de comunidade.

Ante um mundo em crise, o método a utilizar com os que vivem de maneira particular a criticidade do momento e que estão em necessidade há de ter presente o respeito à dignidade da pessoa humana, a promoção de soluções duradouras e a remoção das causas, promovendo-se as responsabilidades pessoais e sociais, a necessidade de fantasia, de criatividade e de respostas evangelicamente provocadoras.

A condição histórica em que nos encontramos e as decisões comunitárias que se definem não são uma pedra no caminho do seguimento, no exercício da fé e na prática da caridade: mas devem ser a ocasião de uma mudança radical. A lógica da encarnação assume a história e a condição humana não como um limite, mas como a voz da esposa que invoca a vinda do Esposo. Há uma inevitável condição de limitação, de fragmentação, mas no fragmento habita o todo, como no homem Jesus habita a plenitude da divindade, como na Eucaristia se cumpre a nova e eterna Aliança no Sangue derramado por todos. Por isso é que o grande desafio que a comunidade tem é o de encarnar-se no homem e na realidade. Só então, a partir daí, viverá a força do Espírito vivificador e levará a cumprimento a realidade do Reino.

Frei Luciano Audisio
Colégio Santo Tomás de Vilanova
Granada

